



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14238 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

A ESCUTA E O DIÁLOGO CONSTRUINDO RELAÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES HUMANIZADAS NA ESCOLA

Simone do Nascimento Nogueira - UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

A ESCUTA E O DIÁLOGO CONSTRUINDO RELAÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES HUMANIZADAS NA ESCOLA

Resumo

No atual cenário da educação brasileira em que vivenciamos acontecimentos violentos, como ataques a escolas, professores e alunos, este estudo propõe encaminhamentos pedagógicos que primam pela construção de uma relação humanizada entre adultos e crianças a fim contribuir para a superação de conflitos que, por vezes, desencadeiam atos violentos na escola. Para tanto, se faz necessário discutir e construir possíveis respostas para a indagação: como a escuta e o diálogo podem contribuir para a construção de relações e práticas docentes humanizadas no contexto escolar? A pedagogia freireana fundamentou a pesquisa-ação, na qual docentes da educação infantil, intencionalmente, dialogaram e escutaram seus alunos, com o propósito de compreender e ressignificar a sua própria prática a partir do olhar da criança. Os resultados obtidos permitem afirmar que investigar a própria prática contribuiu para que os docentes elaborassem novas compreensões sobre a realidade escolar, oportunizando a conscientização quanto a necessidade de mudança de uma prática silenciadora, para uma em que as vozes das crianças reverberem na construção de relações e ações docentes mais humanizadas na escola.

Palavras-chave: Escuta, Diálogo, Pedagogia Freireana, Prática Docente.

Introdução

A relação adulto e criança, no contexto escolar, representa um dos pontos fundamentais para que o processo ensino aprendizagem se desenvolva satisfatoriamente, e em

tempos em que a violência adentra o espaço escolar, conforme vivenciamos, e como evidenciam as pesquisas que buscam identificar pistas para prevenir a violência (Nyaine e Minayo, 2003), precisamos refletir sobre os conhecimentos pedagógicos que devem ser valorizados e aprimorados, objetivando a construção de relações de respeito, tolerância e solidariedade no contexto escolar, para que possamos agir pedagogicamente na direção da melhoria da qualidade do ensino.

Este artigo, que decorre de um estudo desenvolvido a nível de doutorado em educação, discute a importância da compreensão da escuta e do diálogo como princípios fundantes das relações que se estabelecem na escola, entre adultos e crianças. E para isso indaga: como a escuta e o diálogo podem contribuir para a construção de relações e práticas docentes humanizadas no contexto escolar?

Pesquisa recente realizada por Silva (2017) no âmbito da educação infantil, constatou a falta de oportunidades de fala para a criança na rotina escolar, autorizando concluir que na educação infantil, há uma prevalência, por parte do adulto, de conter verbalmente a criança, empregando atitudes autoritárias. Os achados indicam que há a necessidade da adoção de estratégias formativas que possibilitem ao professor construir sentidos para a prática da escuta e do diálogo. Discutir a ausência destas ações na relação adulto e criança, representa atentar para o autoritarismo presente na escola, alimentado por práticas que estruturam a educação bancária (FREIRE, 2016), essencialmente silenciadoras. Tais práticas acríicas estão aninhadas nas relações de poder, e ceifam a participação ativa dos alunos, inibindo, por exemplo, a criatividade, ou impedindo o surgimento de perguntas, contribuindo lentamente para que a violência seja gestada ao longo da escolaridade da criança.

A pedagogia crítica que tem a centralidade dos seus estudos nas relações de poder que estão presentes nas interações humanas, nos auxilia na construção de conhecimentos sobre as tais relações que estão presentes na escola, logo, seus pressupostos são fundamentais para olharmos para o fenômeno da violência com criticidade, compreendendo suas raízes e seus reflexos na escola.

“A violência aparece como raiz do autoritarismo e das relações de exploração disseminadas na cultura brasileira. [...] Cumpre à educação formar a consciência crítica, sobretudo a partir da alteração das relações de poder pedagógicas, com a prática diálogo, a resistência às (e a superação das) relações de dominação. [...] a tese sobre as concepções bancárias e libertadora da educação pode ser assumida como uma completa teoria da violência escolar, na medida em que Freire desenvolve não só uma crítica da educação violenta, mas também a proposta de educação libertadora” (ANDRADE, 2017, p. 414).

Desenvolver a consciência crítica docente quanto à necessidade de escutar e dialogar com a criança desde seu ingresso na escola, é vital para encontrarmos caminhos possíveis que favoreçam a construção de práticas pedagógicas alicerçadas nos princípios de uma educação libertadora. Portanto, há urgência em se constituir espaços de reflexão coletiva na escola, objetivando fomentar a pesquisa por meio da investigação da própria prática, com a finalidade

de desnudar as situações opressoras que obstaculizam a escuta da criança e o estabelecimento de relações dialógicas no seu percurso escolar. Espaços formativos em que os professores tenham voz e possam, de forma crítica, elaborar indagações e reflexões que favoreçam a compreensão sobre a tênue linha que há na educação infantil, que ora apresenta discursos a favor de uma criança ativa, e ora, de maneira contraditória, alicerçada na pedagogia transmissiva, logo bancária, se revela autoritária e silenciadora das vozes das crianças.

Fundamentos teóricos

A pedagogia crítica freireana foi a principal base teórica empregada neste estudo. Seus pressupostos orientaram as reflexões a respeito das concepções de educação que sustentam a formação e a prática docente, e que nos ajudam a compreender a importância da escuta, do diálogo e da participação ativa do aluno na construção de relações humanizadas no contexto escolar.

Paulo Freire, conforme nos coloca Torres (1998. P. 50), acreditava que a “educação podia melhorar a condição humana contrariando os efeitos da opressão” e finalmente contribuindo para o que considerava ser a “vocação ontológica da espécie humana: humanização”. Logo, o diálogo e a escuta, compreendidos sob a perspectiva freireana, representam conhecimentos pedagógicos que viabilizam a humanização da relação adulto e criança. Com aporte em Freire, afirmo que dialogar é vital para o nosso pleno desenvolvimento.

[...] O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um jeito ou de outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2016, p. 109).

Dialogar na perspectiva freireana, representa assumir a educação problematizadora como princípio de humanização. Uma educação comprometida com a libertação dos homens das situações de opressão e silenciamento, oposta à educação bancária que vê a criança como ser de adaptação e de ajustamento, que por sua vez, contribui para a formação de cidadãos autômatos e não autônomos, resultando na negação da vocação ontológica do homem de ser mais (FREIRE, 2016).

O ato de escutar e dialogar com a criança no desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem na rotina escolar, exige do professor o compromisso docente de escutá-la respeitando seus tempos e espaços de fala, acolhendo seu pronunciamento de forma atenta, amorosa e integral. “Escutar é obviamente algo que vai além da capacidade auditiva de cada

um. Escutar [...] significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro” (FREIRE, 2002, p.135), e acrescento, ao silêncio do outro. Portanto, é possível depreendermos que para a constituição de relações humanizadas, se requer conscientização, por parte dos docentes, de que escuta e diálogo estão intrinsecamente relacionados, e ainda, que são indissociáveis e imprescindíveis na elaboração e construção da prática pedagógica.

Escutando e dialogando no percurso da pesquisa-ação

Diante do objetivo de construir relações e práticas docentes humanizadas no contexto escolar, a pesquisa-ação foi a metodologia que se mostrou adequada, devido ao seu caráter pedagógico, pois contempla na sua dimensão ontológica, a possibilidade da construção de novos conhecimentos, vinculando teoria e prática, com práticos e pesquisadores atuando juntos e com o propósito de construir conhecimentos na direção da transformação (FRANCO, 2012). Trata-se de uma metodologia que oportuniza a reorganização das concepções, movimento que foi compreendido como necessário para que a escuta e o diálogo pudessem ser assimilados, pelos docentes, como conhecimentos pedagógicos estruturantes da ação docente.

Nesse sentido, foi adotada a pesquisa-ação pedagógica que foi concebida como uma possibilidade para o desenvolvimento da formação em serviço, que “[...] não se reduz a um mero procedimento de resolução de problemas práticos, mas configura-se como um meio de contribuir com a mudança de percepção do docente em relação às suas práticas” (FRANCO, 2018, p.20).

Participaram da pesquisa-ação, cinco docentes que intencionalmente dialogaram e escutaram as crianças na faixa etária dos 4 aos 5 anos de idade, sobre seus gostos, desejos e dificuldades na escola. Os diálogos eram gravados em áudio e compartilhados nos encontros formativos; coletivamente os participantes escutavam as narrativas, e subsidiados pelas pedagogias freireana, da infância e da escuta, refletiam criticamente sobre o teor das falas. Nesta dinâmica, novos conhecimentos foram construídos.

Análise e discussão dos resultados

Os professores vivenciaram uma experiência formativa problematizadora, e escutando e dialogando com as crianças, se aproximaram da realidade em que estavam inseridos, a partir das percepções infantis. As narrativas levaram os professores a refletirem sobre seus conhecimentos e sobre a maneira como se relacionavam com as crianças, e assim, enxergaram a racionalidade instrumental presente nas suas práticas. “A criança na escola é podada, fazemos fila para ir à biblioteca, ao refeitório, aí falamos: põe a mão para trás, vamos em silêncio. Parece um exército [...] pesquisar me fez repensar isso, dá para ser diferente”

(MAGALI).

Com a formação houve mudança de percepção, devido ao contexto formador que ofereceu condições para que os docentes refletissem tanto sobre as razões de adotarem determinadas práticas, como sobre o porquê, para que, e como desenvolver práticas humanizadas, adequadas para a criança. Intencionalidades que transcendem o saber fazer, e favorecem a constituição da práxis, que decorre de um contexto de quefazer (FREIRE, 2012).

Problematizando a prática, os professores construíram sentidos para a escuta e para o diálogo: “Escuta não é confronto, não é duelo, mas sim uma junção, uma complementação, uma coisa harmoniosa, uma troca, um movimento circular, uma troca sem orgulho e sem vaidade” (RUTH). Os novos saberes se constituíram a partir do próprio fazer, movimento que é a base da epistemologia da prática (PIMENTA, 2005), o que ocorreu a partir do confronto entre teoria e prática permitindo que os docentes refletissem sobre os elementos que tensionam a relação professor aluno.

“Às vezes eu me pego pensando assim: é o que eu tenho a dizer que é importante, ou é o que o aluno tem para falar que é importante? Esse questionamento a gente enfrenta na educação. O que está faltando muito é equilíbrio. A igualdade da escuta, do ouvir, da escuta e do falar, a igualdade falta na educação. Um não pode estar lá em cima, e o outro lá embaixo. O medo de não ser ouvida e ser autoridade na sala, o pensamento de que o que o professor falar, ele tem razão em tudo, isto está enraizado. Precisamos chegar em uma situação de todos estarem num mesmo patamar”. (LÚCIA).

Ao se assumiram epistemologicamente curiosos, os professores tomaram distância da prática e se aproximaram da prática com gosto e ímpeto para compreendê-la e desvendá-la (FREIRE, 2012). A prática do diálogo e da escuta permitiu o alargamento dos horizontes e abriu brechas para novos conhecimentos que humanizaram a relação adulto e criança, como descreveu a professora Magali: “Hoje minha prática avançou, eu organizo melhor o meu tempo, baixei a ansiedade. As rodas de conversa, são também para saber o que eles estão sentindo, aceitar sugestões. [...] A criança fica feliz quando é escutada.

Considerações Finais

A partir da constituição de um processo formativo/investigativo e colaborativo, em que os docentes tiveram a oportunidade de investigar a própria prática, pesquisando, estudando, dialogando e escutando, tanto as crianças como seus pares, foi possível tirar o véu de situações, práticas e concepções inadequadas e opressoras, que estão presentes na escola e passam despercebidas na rotina escolar. Estranhá-las foi desafiador: “É assustador, se nos abirmos para o inesperado, dá um pouco de insegurança escutar” (RUTH). O ato de pesquisar desenvolvido coletivamente, repertoriou os professores que construindo conhecimentos sobre o diálogo e a escuta, perceberam que é possível e necessário mudar, descongelando práticas docentes que desumanizam as relações no contexto escolar.

O diálogo e a escuta representam uma possibilidade real de enfrentarmos o

silenciamento, que contribuiu imensamente, ao longo da escolaridade, para que a violência ocorra na escola. Finalizo com uma fala da professora Lúcia, que contribui para nos mostrar o quanto ainda temos que avançar para a constituição de uma escola mais democrática e humana.

A criança tem história, tem sentimentos, tem ideias [...] eu ouvia dos meus pais falarem: quando o adulto fala a criança cala. A gente não escuta falar isso na escola, mas infelizmente ainda está presente. Eu mudei minhas práticas com nosso estudo, porque eu quero minha criança protagonista do seu processo de aprendizagem.

Referências

ANDRADE, Fernando Cesar Bezerra de. Verbetes Violência. *In*: STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides e ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pesquisa-ação pedagógica: práticas de empoderamento e participação**. Educação Temática Digital - ETD. Campinas: São Paulo, n. 18, v.2, abr-jun/2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 23ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016

NJAINÉ, Katie e MINAYIO, Maria Cecília de Souza. **Violência na escola: identificando pistas para a prevenção**. *In*: Interface – Comunicação, Saúde, Educação. Fundação UNI/Unesp. Botucatu: São Paulo, n.13, v.7, ago/2003.

PIMENTA, Selma Garrido. Questões da pesquisa. *In*: **Revista Contrapontos**. Itajaí, v.5, n. 1, p. 09-22, jan/abr.2005.

SILVA, Célia Regina da. **Análise da dinâmica de formação do caráter e a produção da queixa escolar na educação infantil**: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. 2017. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2017.